

TÉCNICA DE ESCRITA • GRAMÁTICA • CRIATIVIDADE

portuguesa LINGUUA

Ano 9 • Nº 100 • Fevereiro de 2014 • www.revistalingua.com.br



1000

MITOS DA LINGUAGEM



Português é difícil? “Saudade” só existe em nosso idioma? “Coitado” vem de “coito”? Verdades e mentiras sobre a língua e a expressão humana

A ARTE DA CONVERSA • A TORRE DE BABEL • ENTREVISTA: ALBERTO MARTINS



75. A África afetou mesmo o português?

Tradição linguística se divide entre a hipótese crioulista e a arcaizante

POR MARCELO MÓDOLO E HENRIQUE BRAGA

A pesar de ter incorporado a frase shakespeariana (“Há mais mistérios entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia”), o senso comum insiste em apresentar respostas simples a questões de razoável complexidade. O português brasileiro, mais precisamente sua história, é vítima desse pendor à simplificação: ante a constatação de que além-mar não usam um português muito parecido com o nosso, poucos hesitam em dizer que, no Brasil, por causa da aclamada miscigenação, o idioma mudou muito.

Como a tarefa do cientista é desconfiar, estudiosos já empreenderam pesquisas, norteando duas questões:

1) Se a forte influência indígena e africana seria verdade ou mito;

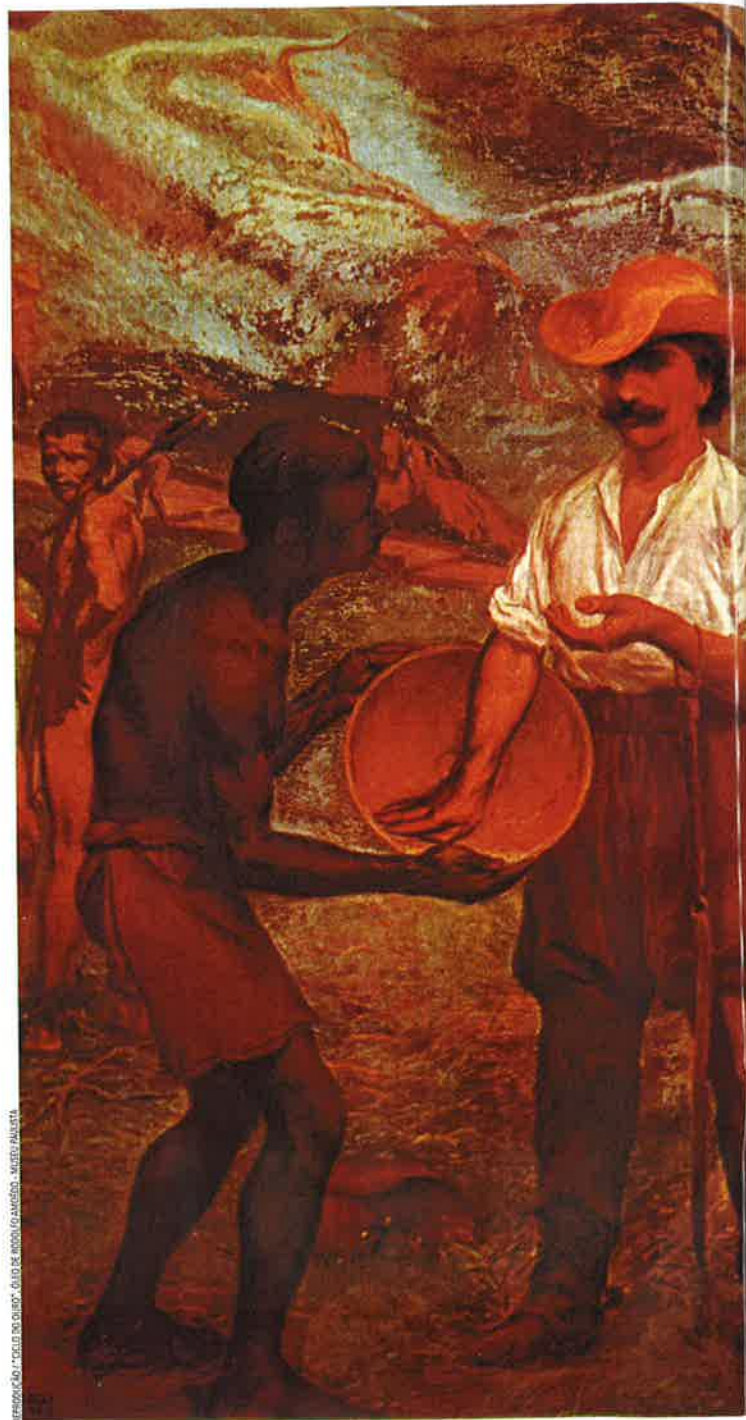
2) Se, considerando que o português europeu mudou nestes 500 anos, não seria possível que o PB tenha conservado mais intacta a língua de Camões.

Têm sido formuladas duas respostas sedutoras.

a) A *hipótese crioulista* defende que a influência africana foi responsável pela “modelagem” do PB. A tese tem linguistas como Rosa Virgínia Mattos, Dante Luchesi, Gregory Riordan Guy entre seus defensores.

b) A *hipótese arcaizante* sustenta que as peculiaridades do PB não são inovadoras: o PB seria uma variedade conservadora, cujas diferenças em relação ao atual PE se devem à manutenção de usos do português arcaico. A tese tem apoio de nomes como Serafim da Silva Neto e Celso Cunha.

MARCELO MÓDOLO É PROFESSOR DOUTOR E PESQUISADOR DE FILOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA, NA USP.
HENRIQUE BRAGA É DOUTORANDO EM FILOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA NA USP E PROFESSOR DO CURSO ANGLO-ACADEMIA.REVISTALINGUA@GMAIL.COM



A hipótese crioulista

PIDGIN

O surgimento de línguas crioulas depende de um estágio anterior, quando se constitui um *pidgin* – língua rudimentar, para manter contato comercial. É o desenvolvimento desse *pidgin*, resultado da maior convivência entre os povos, que resulta numa língua crioula.

CRIOULO

Diferentemente dos *pidgins*, que se limitam a contatos mais rápidos e superficiais, os crioulos são línguas naturais: existem em uma comunidade de fala e, por isso, ganham *status* de 1ª língua entre os membros nascidos na comunidade. Com base nesse processo, os partidários da hipótese crioulista defendem que a convivência de povos africanos com falantes de português tenha gerado línguas crioulas que, após processo de descrioulização, geraram nosso PB.

A TESE CRIOULISTA

Em *Fatores Sócio-históricos Condicionantes na Formação do Português Brasileiro: em questão o propalado conservadorismo da língua portuguesa no Brasil* (www.prohpor.ufba.br/propalado.html), Rosa Mattos e Silva destaca que não só no período colonial, mas após a Independência, a população de ascendência africana foi majoritária e o tipo de condição irregular de sua aquisição do português foi propício ao surgimento de *pidgins* e crioulos. Com isso, ela destaca que a hipótese segundo a qual no Brasil se manteve uma variedade mais conservadora parece não levar em conta os intercâmbios linguísticos que, forçosamente, ocorreram em território brasileiro.

Em *Nova Gramática do Português Brasileiro*, Ataliba Teixeira de Castilho observa que, por se tratar de línguas de contato, os crioulos guardam simplificações típicas dos processos de aquisição de 2ª língua.

No PB, um resquício dessas formas linguísticas seria a concordância nominal com plural marcado só no 1º elemento da expressão, como na célebre *Saudosa Maloca*, de Adoniran Barbosa: “Veio os homens *c’ as ferramenta*, o dono mandô derrubá”.

Também na concordância verbal estaria um reflexo da simplificação, uma vez que não são raros usos como “Os homens *tá c’a razão/ Nós arranja* otro lugá”, do mesmo Adoniran.

A hipótese arcaizante

Os defensores dessa tese advogam que nossa fala, mais que a dos lusitanos, guarda correspondências com a variedade portuguesa do século 16.

O GERÚNDIO

No clássico *Conservação e Inovação no português brasileiro* (www.letas.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/CEL-SOCUNHA.pdf), Celso Cunha levanta argumentos em favor da visão segundo a qual o PB se distingue do PE por mudanças ocorridas por lá, não por aqui.

Destacando usos linguísticos que fundamentariam essa hipótese, o autor menciona fenômenos fonéticos e morfo-sintáticos. Entre eles, os casos de verbo auxiliar seguido de principal no gerúndio (“Ficar esperando”): segundo o autor, desde o século 18 a variedade portuguesa vem optando pela construção com o infinitivo preposicionado (“Ficar a esperar”), ou seja, a variedade lusitana é que teria implementado uma mudança, não a nossa variedade de aquém-mar.

PORTUGUÊS MÉDIO

O trabalho de Esperança Cardeira (*Entre o Português Antigo e o Português Clássico*, 2005) reforça a tese, destacando a importância do português de 1350-1500 (“português médio”) para a formação do PB (tendo em vista que era essa a variedade trazida pelos primeiros portugueses desembarcados no Brasil).

CONSTRUÇÕES DE TÓPICO

Apresentando a hipótese arcaizante em sua *Nova Gramática*, Castilho enfatiza argumentos de ordem mais sintática que social. O linguista aponta construções que, embora alguns vejam como inovações do PB, já estavam presentes em documentos do século 15. Um exemplo seriam as construções de tópico (como na frase: “A história do PB, ela é bastante controversa”).

O português são muitos

Os estudiosos que enveredaram por essa discussão, mesmo optando pela defesa de uma das duas teses, não deixaram de considerar a dificuldade de se chegar a uma resposta definitiva. Celso Cunha, embora defenda que os dados disponíveis favoreçam a hipótese arcaizante, não deixa de apontar que decidir se as variedades do Brasil são conservadoras ou inovadoras parece uma escolha prematura. Rosa Mattos e Silva, defensora da hipótese crioulista, prefere valer-se da afirmação atribuída ao filólogo português Ivo Castro, para quem a separação estrutural entre o PE e o PB é um fenômeno “lento e de águas profundas”.

Arriscando um palpite, talvez um estudo mais amplo de diversas variedades do português de além e de aquém-mar venha a revelar que cada hipótese tem seu espaço, seu lastro, sua dose de verdade. Até porque, apenas numa visão mítica teria havido uma “Babel lusitana”, uma fonte comum da qual teriam sido espalhadas diversas “línguas em português” – na bonita expressão do escritor Mia Couto. O português são muitos.